

UM CONTO DE RENATA MELO

# HORIZONTE

© Renata Melo 2021

Produção editorial: Vanessa Pedroso

Revisão: Editora Buqui

Imagens da capa: Brilliantist Studio (Shutterstock)

Design da Capa: Nathalia B. Ceconello

Editoração: Nathalia B. Ceconello

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486h Melo, Renata

Horizonte [recurso eletrônico] / Renata Melo.

1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2021.

recurso digital

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-89695-99-8 (recurso eletrônico)

1. Contos brasileiros. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

21-74774 | CDD: 869.3 | CDU: 82-34(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos desta edição reservados à

**bq Buqui Comércio de Livros Eireli.**

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102

Porto Alegre | RS | Brasil

Fone: +55 51 3508.3991

[www.editorabuqui.com.br](http://www.editorabuqui.com.br)

[www.facebook.com/buquistore](https://www.facebook.com/buquistore)

[www.instagram.com/editorabuqui](https://www.instagram.com/editorabuqui)

HORIZONTE

\*\*\*

Flora olhou ao redor, no luxuoso apartamento onde morava. Vivia uma crise existencial e, concluiu, apesar da terapeuta discordar da definição que estabeleceu e a qualificar, tecnicamente, em uma crise de esgotamento mental pelo nível de exigência que exercia sobre si e o nível de trabalho até a exaustão.

Estava com 34 anos e tinha alcançado quase todos os objetivos que estabeleceu para si, mas, agora, sentia um enorme vazio por suas escolhas não estarem fazendo mais sentido.

Segurava uma xícara de café, olhando para a luz piscando na secretária eletrônica. Deveria ser uma das poucas pessoas no planeta que ainda mantinha uma linha telefônica e uma secretária eletrônica em casa. Era um número reservado e útil quando ela desligava o celular para se desconectar do mundo. Aproximou-se apertando o botão para ouvir as mensagens.

*“Dra. Tieppo, tudo bem?  
O Dr. Novaes pediu para desejá-la ótimas férias e  
um bom descanso.  
Até a volta.”*

*“Olá, cadê você? Fiquei preocupada. Você está  
bem? Me liga!”*

*“Oi, sou eu... Sinto sua falta, mas não posso ser o  
único... Deixa para lá... Se cuida!”*

Flora suspirou, colocando a xícara dentro da pia. Olhou para o arranjo de flores do campo sobre a bancada e sorriu. Os arranjos de flores transformavam a casa dela em algo mais próximo de um lar. As flores estavam em todos os ambientes. Eram da aconchegante floricultura que ficava ao lado do prédio, Flora encomendava os arranjos semanalmente. Olhou para o comprovante.

*“De onde vocês vêm?”* Pensou, curiosa, referindo-se às flores. Iniciar o dia visitando a floricultura lhe pareceu ser o melhor lugar onde queria estar.

Entrou no enorme *closet* procurando o que vestir. As elegantes e sofisticadas peças de roupas lhe pareceram impessoais e desconfortáveis.

Escolheu um jeans e uma das poucas camisetas básicas que tinha. Decidiu que incluiria em seu *closet* peças de roupas mais simples e despojadas.

— Bom dia! Seja bem-vinda! Como posso ajudá-la, doutora Tieppo? — A florista a conhecia e sorriu acolhedo-ramente para ela.

Flora sorriu, dando-se conta de que, quando algo a incomodava, ela entrava naquela floricultura e comprava flores, e tinha estado ali com muita frequência no último ano.

— Obrigada, Clarice. — Também a conhecia e, apesar da diferença de idade, gostava de conversar com ela. — Na verdade, fiquei curiosa de onde vêm as flores? E, dessa vez, estou com um bom tempo livre. — Sorriu.

— São de Holambra. Nunca visitou Holambra?

— Não. — Cheirava as flores.

— Fica a duas horas de São Paulo, a 130km daqui. Sabia que esse é o melhor período do ano para visitar a cidade?

Flora sentiu-se confortável com a ideia em conhecer a pequena cidade de onde vinha todas as flores que alegravam sua vida.

— Meu primo é o meu fornecedor. Ele cultiva, produz e vende flores, tenho certeza de que ele poderia recebê-la em Holambra, caso quera conhecer. Que tal? — Clarice era quase 10 anos mais nova que Flora e a tinha como referência de mulher empoderada.

Flora era linda, sofisticada, elegante, inteligente, médica e independente. A melhor definição de mulher maravilhosa para Clarice.

— Talvez seja uma boa ideia. — Flora concordou. Pretendia aproveitar seu tempo livre com algo completamente diferente de tudo que já tinha feito. Talvez algo simples, desconhecido e intimista pudesse ajudá-la.

— Julius também tem dois charmosos chalés para locação via aplicativo. Os chalés ficam dentro da propriedade, mas com acesso privado e independente. É lindo acordar e ver a natureza e os campos de flores. A cidade é considerada o jardim do Brasil. — Clarice sorriu.

— Será que teria um chalé disponível? — Flora gostou, verdadeiramente, da ideia de desaparecer em um chalé no meio dos campos de flores.

— Vou falar com ele e lhe passo todos os detalhes mais tarde. — Clarice sorriu satisfeita. — Vai dar certo, com certeza!

— Obrigada. — Flora a abraçou. — Vou querer este aqui! — Apontou e sorriu.



Flora saiu no meio da tarde. Estava empolgada desde quando viu a fotografia do chalé, dos campos de flores e alguns detalhes da pequena e acolhedora cidade, considerada uma das maiores produtoras de flores do país e um grande exportador para a América Latina.

A cidade estava se preparando para o evento que contava com a participação de mais de 300 expositores do produto e, se não fosse por Clarice, ela jamais teria conseguido o chalé.

Flora chegou à cidade ao anoitecer, o trânsito foi maior do que o esperado na saída de São Paulo e precisou de informações para se localizar até a fazenda Horizonte.

Estacionou em frente à casa principal. A varanda estava iluminada na charmosa propriedade e tinham alguns carros estacionados.

— A doutora chegou! — Clarinha gritou para a família, sorrindo para Flora.

— Olá, tudo bem? — Sorriu. — Pode chamar o senhor Castro, por favor.

A menina entrou, desaparecendo, e Flora se encostou no carro observando as visíveis estrelas no céu, enquanto esperava.

— Boa noite. Seja bem-vinda a nossa cidade. — Julius sorriu, cumprimentando-a.

Flora apertou a mão dele e sorriu. — Muito obrigada por me alugar o chalé tão em cima da hora.

— Agradeça à Clarice. Parece que ela gosta muito de você. Tive que fazer o maior malabarismo para lhe encaixar. — Onde estão suas malas? — Percebeu que Flora não entendeu. — Presumo que tenha trazido pelo menos uma.

— Como assim? Vai me levar até o chalé? Não consigo ir sozinha de carro? Não quero que deixe seus convidados sozinhos.

Julius sorriu, desviando o olhar. — Clarice não deve ter contado... Ela sempre faz isso. — Respirou fundo, com pouca paciência.

— O quê?

— A doutora vai precisar ficar uns dias aqui no quarto de hóspedes até o chalé ficar pronto. — Forçou um sorriso. — E meus convidados? Na verdade, são seus convidados.

— Como assim? Eu não conheço ninguém na cidade. Como assim vou ficar com você?

— Pois é, agradeça à Clarice também por isso. Bagagem? — Julius apertou o botão do porta-malas e retirou a bagagem. — Vamos! Seus convidados estão lhe esperando.

— Sinto muito, mas eu não vou ficar. — Flora se posicionou na frente dele, parando-o.

Julius sorriu.

— Por que está sorrindo?

— O que esperava? Estamos no momento mais comercial e festivo da cidade, então, a doutora resolve vir e tudo em um estalar de dedos foi providenciado. É demais não acha? Então, seja mais agradecida. Por hoje, entre e conheça os pais da Clarice, meus pais e o restante da família que preparou com muito carinho o jantar para lhe receber.

Flora baixou a cabeça e desviou o olhar ao ouvi-lo. Julius não estava com raiva ou decepcionado, ele apenas relatou os fatos, como se já esperasse exatamente a reação dela. Ela o acompanhou, entrando na casa.

— Esses são o tio Ben e a tia Clara, pais da Clarice. — Julius sorriu afetuosamente ao olhar para os queridos tios.

Eles se aproximaram dela e a abraçaram sem pedir licença.

— Seja bem-vinda a nossa linda cidade! — Clara a beijou no rosto. — Minha amada filha gosta muito da doutora, disse que é a melhor cliente da loja.

— Olha como ela é linda! — A mãe de Julius se aproximou de Flora. — Tão nova para ser uma médica.

— Esses são meus pais, José e Ana.

O pai de Julius beijou a mão de Flora. — Realmente, uma linda jovem.

— E esses são Bento, irmão da Clarice, e sua esposa Mariana.

Mariana abraçou Flora alegremente e Bento a cumprimentou.

— Seja bem-vinda! — Clarinha correu e a abraçou também. — Ela parece uma princesa, tio! — Comentou com Julius.

O olhar de Julius e Flora se cruzaram.

— Vamos deixá-la se acomodar primeiro. — Disse ignorando a afirmação da sobrinha.

— Obrigada. Agradeço se me chamarem apenas de Flora. — Estava sem graça por sentir o carinho verdadeiro que recebeu.

Julius subiu as escadas e Flora estava logo atrás dele.

— Seu quarto. O banheiro fica no corredor. — Viu o olhar dela de surpresa por não ter uma suíte.

Flora cruzou os braços olhando em volta do ambiente simples, mas acolhedor. Aquela casa era um lar. O perfume dos campos de flores estava em cada centímetro daquele lugar.

— Eu mesmo quem fiz os arranjos de flores. Clarice disse que você ama flores. Por favor, não demore. Meus pais e tios já devem estar com fome. Eles se recolhem cedo, sabe como é, nós, do interior, temos nossas manias também... Iguais aos ricos da capital, são só frescuras diferentes. — Ironizou.

Flora ficou furiosa com o comentário grosseiro dele. — Quer me dizer alguma coisa? Seja mais direto, por favor?

— Eu já disse, com licença. — Julius fechou a porta e ouviu uma almofada sendo jogada na porta pelo lado de dentro e sorriu.

Flora desceu logo em seguida.

A mesa posta estava cheia de comidas gostosas, parecia Natal para ela. Foi bom observar a intimidade e amor daquela família, mas isso só aumentou o vazio da vida perfeita de Flora.

Julius era tão afetuoso e gentil com eles que fez Flora esquecer de como a julgou, sem a conhecer.

— Por que Holambra? — Julius tomou um gole de vinho ao perguntar.

Estavam sentados em frente ao outro.

— Amo flores e estou de férias. Dessa vez eu não quis sair do país. — Suspirou. — Então, Clarice me ajudou a estar aqui hoje, pode não parecer, mas estou muito grata por esse chalé. — Sorriu, tentando disfarçar sua emoção, e culpou as duas taças de vinho por isso.

— Julius vai lhe mostrar tudo sobre o cultivo e a produção das flores. Certo, filho?

— Se ela quiser. — Disse olhando para o lindo rosto.

— Não tem namorado? Ou ele ainda vai vir? O chalé é grande. — Tio Ben comentou.

— Dessa vez serei apenas eu. — Desconversou sobre a pergunta de ter um namorado.

— Julius também está solteiro. Desmanchou um noivado há um ano. Ela também era da capital, uma mulher sofisticada e bem-sucedida como você. — A mãe de Julius comentou.

— Vamos respeitar a intimidade dela, por favor. — Julius falou.

E, naturalmente, mudaram de assunto falando apenas sobre as flores até todos irem embora perto da meia-noite.

— Boa noite, doutora. — Disse, recolhendo a louça da mesa, levando-as para a pia da cozinha americana.

— Eu te ajudo.

— Não precisa. Deve estar cansada da estrada e eu já estou acostumado.

— Acho que começamos com o pé esquerdo, senhor Castro. Peço apenas que não me julgue antes de realmente me conhecer. — Disse sem olhá-lo, ajudando a retirar a louça da mesa. — E, por favor, apenas Flora. — Estava parada diante dele. Julius era apenas um pouco mais alto, mas os saltos dela a deixaram na mesma altura.

Julius sorriu.

— Me desculpe. Demorei a reconhecer o esforço que fez ao atender ao pedido da Clarice, mas quero esclarecer que ela não me disse que não tinha vaga, que isso lhe causaria transtorno. Se eu soubesse, não estaria aqui incomodando. — Colocou o avental para lavar a louça.

— Eu lavo e você enxuga.

— Tudo bem.

— Que tal uma pergunta sincera para cada um?

— O quê? — Flora não entendeu.

— Temos muita louça para lavar e obviamente estamos, nesse momento, recomeçando, agora com o pé direito, presumo. Pensei em uma pergunta e uma sincera resposta para cada um. O que me diz?

— Não acho que isso possa ajudar na nossa relação de locatário e inquilino. — Sorriu.

— Olha, interessante! — Disse descobrindo que Flora tinha senso de humor.

— O quê?

— Nada.

— O quê? — Flora insistiu.

— Então, uma pergunta para cada um?

— Não me diga que é curioso.

— Moro em uma cidade de aproximadamente 15 mil habitantes, praticamente todas as famílias se conhecem por aqui.

Flora riu.

— Prefiro manter minha privacidade.

— Então, a doutora vai ficar?

Estava surpresa por se sentir à vontade naquele momento simples e comum. — Eu pergunto primeiro: por que uma fazenda de flores?

— É um ótimo negócio. — Sorriu.

— SÉRIO?

— Cresci nessa cidade, correndo e brincando pelos campos de flores, nunca me imaginei fazendo outra coisa. Então, fiz agronomia e administração, voltei para cá e iniciei meu próprio negócio. Tive sorte. — Sorriu. — Minha vez. — Fez uma pausa, olhando-a. — Está fugindo de quê?

— Uau!

— Concordou com as regras. — Reforçou, passando mais um prato para Flora enxugar.

— Fui diagnosticada com esgotamento mental e, de repente, nada ao meu redor está fazendo sentido. Resolvi desligar o piloto automático... E, nesse momento, a única coisa que tenho certeza que amo, verdadeiramente, são as flores.

Julius evitou olhá-la, agora a enxergava além da beleza e sofisticação. Flora era linda.

— Terminamos! — Tirou o próprio avental. — Então, o que gosta no café da manhã? Posso preparar ovos, panquecas e temos bastante torta holandesa. — Estava sendo gentil pela primeira vez com ela.

— Tomo apenas café puro pela manhã. Não precisa se preocupar.

— Enquanto estiver por aqui, pode melhorar esse hábito e experimentar coisas novas. Não vai querer dormir o dia todo.

— Dormir o dia todo me parece ótimo, o ritmo dos plantões é intenso.

— Estou finalizando a construção do terceiro chalé, acelerei a obra para que possa ser seu o mais rápido possível. Por isso pedi para Clarice mais alguns dias. Gostaria de me acompanhar? À tarde posso lhe mostrar os campos. Que tal?

— Mas eu não sei nada sobre construções.

— Tenho certeza que tem bom gosto para decoração. Nos encontramos aqui às oito. Boa noite, doutora. — Viu o olhar dela por ainda chamá-la de doutora. — Não consigo evitar.

Flora entrou no quarto percebendo que não estava no controle. Julius não permitiu. Sabia que ele era mais velho do que Clarice, mas, ainda assim, mais novo do que ela. Só não estava certa sobre qual a real diferença de idade.

\*\*\*

— Bom dia! — Julius viu Flora se aproximar ainda bocejando e lhe entregou uma xícara. — Café puro e forte.

Flora sentiu o aroma do líquido e saboreou a bebida.

— Obrigada.

— E panqueca com ovos e bacon.

Olhava para o prato, calculando a quantidade de carboidrato e calorias que tinha naquela poção.

— Não, obrigada.

— Não seja indelicada. Fiz para você. Tenha o mínimo de consideração.

Flora não sabia se ele estava brincando ou sendo sincero e se sentiu praticamente forçada a colocar uma garfada na boca. E quando o fez, saboreou a mistura deliciosa dos ingredientes. Fazia muito tempo que não saboreava um café da manhã tão delicioso por estar sempre correndo ou por considerar seus rigorosos padrões.

— Então, foi tão difícil assim?

Ignorou, fechando os olhos se deliciando. Julius sorriu ao ver a expressão charmosa dela.

— Para finalizar uma panqueca com frutas vermelhas e mel. — Aproximou-se, após desligar a chama no fogão, sentando-se ao lado dela e saboreando sua refeição. — Tenha certeza de que vou achar um modo de fazê-la gastar cada caloria, não se preocupe. — Disse ao terminarem.

Flora engoliu toda a saliva que tinha na boca, ficando desconcertada.

— Vamos? — Convidou, olhando as horas em seu relógio.

Julius abriu a porta do carro para ela entrar na camionete. Em seguida, abriu os vidros.

— O clima está tão agradável que pensei em respirarmos um pouco de ar puro. O que acha?

Flora esticou o braço para fora da janela e encostou a cabeça próximo à porta, sentindo o vento tocar sua pele.

O novo chalé tinha a melhor visão dos campos coloridos de flores. Era mágico ver as fileiras de flores do campo formando um arco-íris.

— Esses são meus amigos Xavier e Miguel. Eles estão me ajudando com o seu chalé.

— Muito prazer, doutora. — Miguel a beijou no rosto, surpreendendo-a.

— Bem-vinda a nossa cidade. — Xavier a cumprimentou de forma mais formal.

— Estamos quase terminando. Falta apenas concluir a chaminé, acabamentos internos, parte elétrica e a decoração. — Julius a atualizou.

— É lindo! — Flora sorriu.

Julius subiu a escada acessando o telhado para concluir a chaminé e Xavier a acompanhou para conhecer o interior.

— Que tal? — Xavier sorriu.

— Encantador e aconchegante. — Cruzou os braços, conhecendo os ambientes.

— Julius disse que este chalé será decorado por você. Faz uma semana que estamos trabalhando nele, dia e noite para finalizá-lo, se não fosse pelas chuvas já teríamos concluído antes da sua chegada, mas, infelizmente, não conseguimos. Sabia que você é famosa por aqui?

— Eu? — Flora se surpreendeu.

— A Clarice. Ela te acha uma espécie de heroína para ela. Sabia que a quantidade de arranjos que compra garante que continue buscando o sonho dela na capital? Bem que ela disse que era bonitona, que parecia uma modelo e, agora, a conhecendo pessoalmente, vejo que Clarice não exagerou em nada.

Flora ouvia, olhando através da janela, pensando que não deveria ser considerada referência para ninguém.

— Julius se importa verdadeiramente com Clarice. Ele a considera como uma irmã mais nova.

— Então, o que achou? — Julius estava logo atrás dela.

— É lindo. — Olhou-o sobre o ombro. — E essa vista é espetacular. — Estava de frente à enorme janela. — Eu poderia viver aqui para sempre.

— Acho que o hospital da cidade está contratando. — Comentou, desviando o olhar quando ela virou para olhá-lo. — Vamos à cidade escolher os móveis e comprar os utensílios e demais itens de casa. — Convidou-a. — Avançamos bem hoje.

Flora sorriu.

Julius dirigia devagar mostrando a cidade a ela.

— Não crie muitas expectativas. Essa loja, provavelmente, é bem diferente das lojas que frequenta na capital. — Disse antes de entrarem.

— Olá, Julius. — A vendedora foi até ele, sorrindo.

— Olá, Anne. — Beijou-a no rosto. — Essa é a doutora Tieppo, amiga da Clarice.

— Muito prazer, doutora.

— Pode me chamar de Flora. O prazer é meu. Obrigada.

— Vamos lá. — Segurou na mão de Flora a conduzindo pela loja.

Flora olhou para o gesto casual e espontâneo, sendo surpreendida.

— Gosto desta cama aqui. Experimente. Essa é a mesma cama que comprei para os outros dois chalés. O que acha?

Ela sentou-se na cama, passando as mãos sentindo o colchão.

— Quanto tempo faz que não compra uma cama? Tem que se deitar. — Julius a puxou e Flora deitou-se ao seu lado. — Então?

Eles se olharam por alguns instantes.

— É muito confortável. — Flora disse, levantando-se rapidamente.

— Anne, vamos levar essa.

— Sim. — Forçou um sorriso, incomodada por vê-lo tão à vontade ao lado de Flora.

— Que tal este sofá? — Sentou-se, puxando para que ela sentasse ao seu lado.

Flora demorou a expressar uma opinião.

— Não gostou?

Movimentou a cabeça o desencorajando. — Que tal este? — Sentou-se no sofá ao lado. — E combina com esta poltrona. — Apontou.

Julius sentou-se na poltrona. — Gostei. — Depois sentou-se ao lado dela no sofá. — Pode ser esse. Anne, vamos levá-los.

— Ótima escolha. Estas peças acabaram de chegar à loja e por isso não estão inclusos na promoção.

— Tudo bem. Vamos levar também o enxoval de cozinha, cama e banho. Conjunto de louças, talheres, copos e demais itens. Você precisa de algo especial, além da cafeteira?

— Não, obrigada.

— Então, vamos. Estou faminto. Os eletrodomésticos serão entregues amanhã à tarde. O que quer comer? E, por favor, não me diga que quer comer folha.

Flora riu.

— Que tal uma mesa ao ar livre e uma boa comida típica holandesa?

— Tudo bem.

— Você está tão calada. Não está gostando? — Julius queria saber mais sobre ela.

— Não é isso... Você está sendo muito gentil. Obrigada.

— Posso ser um ótimo ouvinte. — Sorriu.

— Você é muito persuasivo, garoto. — Arrependeu-se ao falar e ver o olhar dele.

Julius fez mais uma parada no caminho de volta.

— Fique no carro. Já volto. — Disse, deixando-a sozinha.

Retornou minutos depois com uma sacola de papel com biscoitos holandeses em potes de vidro.

Tinha se fechado completamente depois que ela o chamou de garoto. Estava extremamente incomodado.

— Me desculpa. — Se desculpou, assim que entraram em casa, mesmo não sabendo exatamente o que tinha feito a ele.

Julius caminhou até ela. Ele a beijou, envolvendo-a em seus braços, não dando chance para Flora recuar. Flora foi pega completamente de surpresa sentindo o gosto dos lábios dele, o cheiro do perfume e o corpo que a envolvia.

— Uma diferença de quatro anos não é considerável. Não ouse me chamar de garoto outra vez. — Sussurrou no ouvido dela, deixando-a arrepiada.

O beijo foi tão delicioso e convidativo que surpreendeu a ambos. Ele a soltou, subindo as escadas sem olhar para trás. Fingindo que nada tinha acontecido, mas satisfeito por mostrar que era um homem e que a desejava.

Flora entrou no quarto com a mão sobre os lábios, a respiração ainda ofegante, lembrando a ousadia dele.



Julius estava sentado no ambiente externo integrado à sala através de uma enorme porta de vidro de correr. As pernas estavam cruzadas e os pés apoiados na mureta.

Flora adormeceu ao final da tarde, acordando somente naquele momento, e estava com fome.

— Seus hábitos são bem estranhos. — Comentou quando ela se aproximou sentando-se ao lado dele.

— Eu sei... Tenho acumulado tantos plantões que desregulei completamente o meu sono.

— Está com fome? Posso preparar algo para você.

— Sim, mas prefiro esperar o café da manhã. Que horas são?

— Quatro horas da manhã.

— E você? — Olhou para as duas garrafas vazias de vinho.

— Pode ficar e ver o sol nascer. A vista aqui é... — Disse levantando-se.

— Magnífica. — Complementou, olhando para o horizonte.

— É, sim. — Referia-se a ela. — Aqui. — Envolveu Flora com um cobertor. — Vou tomar um banho e desço para fazer o café da manhã.

Flora e Julius preferiram ignorar o beijo do dia anterior, fingindo que não aconteceu.

Voltou uma hora depois e Flora estava de olhos fechados, ainda sentada na varanda, aconchegada na cadeira e no quentinho do cobertor. Usava um confortável pijama, os cabelos estavam presos em um coque e muitos fios estavam soltos, não se importava por Julius vê-la naquele estado, não estava nem aí para ele, mas ele a achou sexy.

— O que quer comer? — Disse de braços cruzados, chamando a atenção dela.

Usava calça jeans clara, botas marrons e uma camiseta branca. E ela, por um instante, recordou o calor daquele corpo quando a envolveu em seus braços ao beijá-la.

— Que tal uma omelete? Se não disser o que quer comer irá comer tudo que eu preparar.

— Quero aquelas deliciosas panquecas de ontem. — Franziu a testa ao admitir e ver o sorriso dele.

Julius a viu devorar as panquecas, dessa vez sem culpa.

— Amanhã à noite teremos a festa de abertura do festival. Gostaria de me acompanhar?

— Sei que está sendo gentil, mas não sou sua responsabilidade. Sou apenas uma hóspede. Não quero atrapalhar sua vida social. Hoje vou fazer um *tour* com a agência, nos encontramos à noite.

Julius não a deixou passar, prendendo-a entre a bancada e ele.

— É por causa do nosso beijo? — Observava cada detalhe do lindo rosto.

— Não o vejo dessa forma... — Também observava cada detalhe do rosto dele. Um homem lindo e *sexy*, mesmo ela não querendo admitir.

As mãos dela encostaram no firme peitoral dele quando Julius se aproximou mais um pouco.

— Está passando dos limites, senhor Castro.

Ignorou, abraçando-a por alguns instantes antes de soltá-la.

— Espero que tenha um ótimo dia.

❧ ❧ ❧

Flora chegou em casa e o viu sentado na varanda. Era o ritual deles nos últimos dias. Foi até ele sentando-se ao seu lado.

— Como foi seu dia? — Perguntou ao vê-la.

— Amei a plantação de Girassol!

— Já jantou?

— Não estou com fome. Estou precisando é de um banho.

— A notícia boa é que consertei a água quente. — Sorriu ao vê-la comemorar.

— Não vou mentir... Sabe a pesquisa de satisfação que vou ter que responder ao final? Pois é... — Sorriu, brincando.

— Que cruel. Foi menos de 24 horas e, posso apostar, que foi você quem quebrou.

— Com licença. — Disse, levantando-se.

— Te espero para jantarmos.

— Obrigada.

Ela retornou à sala uma hora depois e o viu na cozinha.

— Precisa de ajuda?

— Bife de ancho com salada. — Segurou os dois pratos levando-os à mesa. — Aceita uma taça de vinho para acompanhar?

Flora sentia o aroma da carne.

— Sim, obrigada.

Julius colocou o vinho nas taças e sentou-se ao lado dela. Esperou Flora comer o primeiro pedaço.

— Então?

— Deliciosamente macia. — Referia-se à carne. — Nem acredito que amanhã já faz 10 dias que estou na cidade.

— E, finalmente, o seu chalé será entregue. Quando chegou minha expectativa era concluí-lo no máximo em 4 dias, mas o atraso da entrega do material elétrico complicou.

— Tudo bem. O importante é que no final deu tudo certo e nós não nos matamos.

Julius riu.

— Verdade. Conseguimos encontrar nosso ritmo.

— Sim... Conseguimos.

Estavam cada vez mais próximos.

\*\*\*

Flora não conseguiu parar de pensar nele. Julius era completamente o oposto do seu referencial de relacionamento. Era imprevisível, gentil e grosso e a tratava sem nenhuma formalidade, mesmo ainda estando se conhecendo.

Recordou o bilhete que recebeu no dia que se mudou para o chalé. Sob a cama do quarto de hóspedes tinha um buquê de flores do campo e uma chave presa na corda de sisal com um bilhete.

*“O chalé está a sua espera. Que ele possa ajudá-la a florescer. Você é linda e autêntica.”*

Despretensiosamente, ela baixou a guarda e Julius alcançou seu coração, e era assustador.

Clarice a encontrou na cidade. Estava acompanhada pelos pais e o futuro noivo da capital.

Flora sorriu e a abraçou afetuosamente.

— Olá, Clarice!

Estava envergonhada ao saber que Flora precisou ficar no quarto de hóspedes do primo mais tempo do que o previsto até poder se mudar para o chalé.

— Me desculpe pela confusão que fiz entre você e o meu primo.

— Está tudo bem. Graças a você, estou desfrutando da hospitalidade dessa cidade acolhedora. No final deu tudo certo.

— Esse é o meu noivo, César. Essa é a doutora Tieppo.

— É um prazer finalmente conhecê-la.

— Obrigada. — Presumiu que Clarice também havia falado sobre ela para ele.

— Quero que venha a nossa casa, hoje à noite, para a festa de noivado deles. — Dona Clara a convidou.

— Fazemos questão em tê-la conosco. — Clarice reforçou. — Você pode vir com o Julius. É um pouco complicado acertar o caminho da fazenda pela primeira vez, ainda mais à noite.

Flora forçou um sorriso, concordado. Estava evitando reencontrá-lo.

Quando chegou ao chalé tinha um bilhete preso em uma flor na porta da entrada.

*“Te pego às 8:00.”*

Julius já a esperava quando Flora o reencontrou na entrada do chalé usando um vestido casual.

— Olá! — Sorriu para ele.

Sorriu, beijando-a no rosto, em seguida abriu a porta do carro para ela entrar.

Olhou mais uma vez para ela antes de ligar o motor e seguirem para a festa.

— Como está se sentindo? — Queria saber como ela estava.

— Pensei que se estivesse em um lugar diferente, eu ia me descobrir diferente, mas... — Fez uma pausa. — Ainda sou a mesma.

— O que mais gosta em você?

Flora olhava para ele, pensativa, por nunca ter deixado um homem a conhecer tão intimamente.

— Acho que o modo como consigo lidar com as situações, adversidade...

— E o que mudaria?

— Talvez eu tenha me fechado demais, perdido a espontaneidade... Vir para cá... Eu simplesmente me arrisquei, não fiz planos, sabe?

Julius sorriu.

— O quê?

— E o chalé não estava pronto, teve uma recepção de boas-vindas inesperada, pessoas invadindo sua privacidade e café da manhã de verdade. — Sorriu.

Flora sentiu um quentinho no coração ao recordar com ele.

— Pensa bem... Depois que veio para o chalé, você se fechou no seu mundo outra vez, mesmo aqui em uma cidade nova, com pessoas sinceras querendo fazer parte da sua vida.

Desviou o olhar ao sentir a mão dele sobre a sua. Julius não disse mais nada e seguiu dirigindo em silêncio.

— Chegamos. — Ajudou-a a descer da caminhonete.

Assim que entraram, Flora recebeu muitos abraços da família.

O noivado foi emocionante e os noivos estavam lindos e transbordavam amor e cuidado um com o outro.

Flora não conseguiu recusar todos os pedidos de dança que recebeu, e Julius a observava de longe, divertindo-se ao vê-la ter que lidar com tantos dançarinos.

— Nossa! Meus pés... Não me lembro de outra ocasião que eu tenha dançado tanto.

Julius riu. — Foi a sensação da festa. Todos os homens queriam dançar com você.

Percebeu que ele se incluiu, mas não a convidou para uma dança.

— Vem cá. — Colocou-a nos braços caminhando com ela até o carro.

— Eu consigo andar. — Estava descalça, segurando as sandálias na mão.

— Eu sei que consegue, mas o carro está longe, está escuro e só tem mato até lá.

Encostou a cabeça no ombro dele, sentindo a deliciosa fragrância de perfume.

— Posso te fazer uma pergunta? — Estava curiosa sobre o término do último relacionamento dele.

— Uma resposta sincera?

— Sim.

— Então também tenho direito a uma pergunta.

— Por que o seu noivado acabou?

— Eu não lamento, sabe? Na verdade tivemos sorte em descobrir que queríamos coisas diferentes antes de seguirmos adiante. Ela sempre será especial para mim, por fazer parte de quem eu sou hoje. E você? Quando foi seu último relacionamento e por que terminaram?

— Terminamos há três meses. Confesso que eu nunca deixei que me conhecesse intimamente.

— Não era o cara certo. O cara certo vai saber driblar suas defesas e chegar no seu coração.

Flora sabia que Julius já tinha feito isso.

— Princesa entregue no castelo. — Brincou ao colocá-la no chão na porta do chalé.

Sentiu vontade de beijá-lo, mas não se arriscou e Julius também não se arriscou.

— Boa noite! — Sorriu.

— Sabe, vou a São Paulo amanhã. Está precisando de alguma coisa? — Ainda estava parado diante dela.

— São Paulo?

— Por dois dias. Tenho uma reunião de negócios. Não fico por aqui o tempo todo, me divido entre Holambra e São Paulo. — Queria mostrar a ela uma perspectiva diferente para a encorajar sobre eles. — Pensei que poderia me acompanhar. Clarice sempre me acompanha, mas ela está aqui com o noivo. O que acha?

— Onde vai ser?  
— Palácio Tangará.  
— Não trouxe roupa adequada para lhe acompanhar.  
— Teremos tempo para você se arrumar. O que me diz? Estaremos cercados por flores, afinal sou só um florista. — Sorriu.

Flora riu.

— A que horas saímos amanhã?  
— Café da manhã na minha casa e saímos às oito.  
— Tudo bem. Até amanhã.  
— Boa noite!

❧ ❧ ❧

Flora estava atrasada, o despertador não a despertou. Julius olhou as horas no relógio ao vê-la entrar.

— Me desculpa. — Franziu a testa realmente preocupada.

Tomou um gole do café. — Fiz omelete e *waffles*.

Flora sorriu sentando-se à mesa.

— Se a omelete estiver fria o problema é seu. Você não tem a mínima consideração por mim.

— Está perfeita. Que delícia. — Sorriu.

Julius já tinha terminando de comer e checava seus e-mails no *tablet* sentado na cabeceira da mesa ao lado dela.

O telefone dele tocou e ele colocou os fones de ouvidos sem fio para atender a ligação, e Flora o viu falando sobre negócios e tomando decisões enquanto ela tomava o café da manhã.

— Podemos ir, senhorita? — Perguntou ao vê-la satisfeita.

— Vamos. Que horas é o evento?

— À noite.

— Então por que vamos sair tão cedo?

— Porque tenho uma reunião no começo da tarde.

Flora encontrou um buquê de flores no banco do passageiro para ela e Julius apenas sorriu ao vê-la sentir o perfume.

— Não precisava.

— Queria agradecer por ter aceitado me acompanhar. Me fala da sua família. — Diminuiu o volume da música ao saírem da cidade.

— Meus pais moram em Campinas. Minha irmã mais nova é casada, tenho um casal lindo de sobrinhos e eles moram em Portugal.

— E quer ter filhos?

— Sim. Só preciso achar o cara certo e engravidar nos próximos dois anos. Estou no limite do meu relógio biológico ou fazer uma inseminação artificial. — Forçou um sorriso. — E você... Quer ter filhos?

— Sim. — Piscou, segurando na mão dela, sorrindo.

Flora riu.

— O quê?

— Você pode ser insuportável, sabia?

— E é exatamente por isso que gosta de mim.

— Ou pode ser exatamente o contrário. — Brincou.

— Quer almoçar comigo? Preciso só passar no escritório para assinar um contrato antes. Depois a deixo em casa, vou para reunião e te pego à noite. O que acha?

Concordou. Estava feliz em estar ao lado dele.

O escritório era elegante e sofisticado. A cada minuto, Flora se surpreendia com um lado dele que não conhecia. Julius entrou no escritório segurando a mão dela a guiando até sua sala.

— Bom dia. — A secretária sorriu acolhedoramente ao vê-lo.

— Bete, essa é Flora Tieppo. — Olhava para Flora.

— Muito prazer em conhecê-la, senhora. Vocês formam um lindo casal! Dá até para imaginar os filhos de vocês.

Julius sorriu. Sabia que a Bete diria exatamente isso só por vê-los de mãos dadas. Flora ruborizou.

— O contrato está sobre a sua mesa. O jurídico já validou. — Caminhava logo atrás deles. — E o contrato de exportação do novo cliente da Argentina já está sendo finalizado, mas não ficará pronto até amanhã. Vou mandar levar até você.

— Obrigado, Bete.

Bete olhava para Flora.

— A senhora deseja beber alguma coisa?

— Ela gosta de café puro e forte. — Disse assinando os papéis.

Flora se levantou cruzando os braços, olhando a magnífica vista, pensativa, enquanto ele estava concentrado.

— Com licença. — Bete a serviu.

— Obrigada.

— Devo confirmar o motorista para o evento de hoje à noite ou dispensá-lo?

— Pode confirmar. Não quero que nada desvie minha atenção hoje. — Olhava para Flora.

— O que pensa que está fazendo? — Finalmente teve coragem de perguntar quando ele parou na frente do prédio dela após almoçarem.

Julius nem perguntou aonde ela morava.

— Jogando sujo e você, dessa vez, não vai fugir de mim.

Eles se olhavam, em silêncio. E Flora engoliu toda a saliva que tinha na boca.

— Te pego às nove e, por favor, dessa vez não se atrase.  
— Sorrii, charmosamente.

\*\*\*

Julius usava um elegante terno preto de corte reto. Estava lindo. Segurava mais um buquê para ela, dessa vez, rosas vermelhas.

Flora estava deslumbrante em um longo sensual na medida certa, e Julius colocou a mão no coração para tentar mantê-lo em seu peito.

— Consegui me deixar sem palavras. — Disse, abrindo a porta do carro para ela, sentando-se ao seu lado.

— Você ainda está falando. — Sorrii.

Tudo ao lado dele era natural e leve.

Estavam dançando quando ele parou, olhando-a.

— O que foi?

— Não quero mais esconder meus sentimentos. Estou apaixonado por você.

Emocionou-se ao ouvi-lo. Chegou a fantasiar com esse momento, mas sem ter certeza se aconteceria.

— Não faço ideia, exatamente, em qual momento aconteceu, mas sinto falta das nossas conversas noite adentro, de ver você desfilando de pijama, comendo e reclamando da minha comida. — Sorrii, aconchegando-se mais próximo ao seu corpo.

Flora estava emocionada.

— Queria que soubesse como me sinto.

— Também estou apaixonada por você. — Abraçou-o, e eles deixaram a pista de dança.

— E agora? — Estava curioso sobre o que ela queria fazer em relação ao que estavam sentindo.

— Agora...

— Sim.

— O que tem em mente? — Também estava curiosa sobre o que ele queria.

— Pensei em você voltar para casa comigo. Sabemos que quando suas férias acabarem nosso ritmo vai mudar ao voltar para a sua rotina.

— Verdade.

— Preciso que se arrisque junto comigo. Eu não quero uma aventura. — Segurou com as duas mãos o rosto dela e a beijou, sentindo seu coração acelerar por estar com ela em seus braços.

❖ ❖ ❖

— Não está dormindo? — Perguntou ao vê-lo olhando para ela.

Julius ainda tentava entender como Flora tinha se encaixado tão plenamente em sua vida. Ainda tentava entender os sentimentos e emoções que experimentava todos os dias ao lado dela.

Entrelaçou a mão com a dela e a beijou no rosto.

— Estava pensando em nós. Como está se sentindo?

— Surpreendentemente feliz. — Sorriu. — E você?

— Pleno. Ter você ao meu lado me faz me sentir pleno.

— Pena que minha vida boa está acabando. Na segunda já retomo minha rotina.

— E nós encontraremos nosso novo ritmo.

— E será mais desafiador... — A mão, carinhosamente, acariciando o rosto dele, referindo-se à rotina intensa de plantões.

Julius mostrou a ela um lindo anel de noivado.

— Está falando sério? — Estava surpresa.

— Eu te amo. — Disse no ouvido dela. — Não quero esperar para começarmos nossa família.

Era a primeira vez que falava a ela que a amava.

— Eu também te amo.

Eles se beijaram.

— Mas ainda não tenho certeza se amo mais você ou suas flores. — Sorriu, brincando.

E Julius a provocou fazendo cócegas, enquanto Floraria.

— Então?

— O meu amor pelas flores mudou a minha vida, me trazendo até você. — Sorriu.

[www.escritorarenatamelo.com.br](http://www.escritorarenatamelo.com.br)

 [escritora\\_renata\\_melo](https://www.instagram.com/escritora_renata_melo)

 [escritorarenatamelo](https://www.facebook.com/escritorarenatamelo)

**buqui**

[www.editorabuqui.com.br](http://www.editorabuqui.com.br)

